# Placenta, verbo presente: o $\acute{E}$ e o $instante-j\acute{a}$ do it lispectoriano

Fernando Moreira\* Ivã Carlos Lopes\*\*

### Resumo

O artigo discute o tempo linguístico em *Agua Viva*, de Clarice Lispector. à luz da Semiótica de matriz europeia. Tempo esse, o lispectoriano, que pode ser quanto dura um pensamento, como a própria autora escreveu. A narrativa se interessa por tudo que é, pelo ser daquilo que ela descreve como it, que não é a coisa ontológica. É, por assim dizê-lo, o Deus, o mistério, o primeiro. A ela, parece-nos, importam as relações, um projeto geral, abstrato e sensivelmente poético que garante à língua a possibilidade de ultrapassagem semântica de quaisquer limites, mostrando a força das construções sintagmáticas no percurso da significação.

Palavras-chave: Afetos. Água Viva. Greimas. Lispector. Zilberberg.

# Introdução<sup>1</sup>

O que te direi? Te direi os instantes.

Exorbito-me e só então é que existo de um modo febril. Que febre: conseguirei um dia parar de viver? Ai de mim que tanto morro [...] à duração de minha existência dou uma significação oculta que me ultrapassa. Sou um ser concomitante. Reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo que lateja no tique-taque dos relógios [...]. Sei o que estou fazendo aqui: conto os instantes que pingam e são grossos de sangue (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 22-23).

Data de submissão: abril de 2020 – Data de aceite: julho de 2020 http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v16i2.9695

Discente, Universidade de São Paulo (USP), Departamento de Linguística, Programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Campus Butantā, São Paulo, São Paulo, Brasil; CNPq, Proc. 130300/2019-5. Orcid: http://orcid.org/0000-0001-8903-4415. E-mail: emaildofernandomoreira@gmail.com

Docente, Universidade de São Paulo (USP), Departamento de Linguística, Programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Campus Butantã, São Paulo, São Paulo, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0153-1949. E-mail: lopesic@usp.br

Água Viva (1998 [1973]), de Clarice Lispector, contém material vasto para discussões no âmbito da Semiótica que valoriza o tempo, o aspecto<sup>2</sup>, a aforia<sup>3</sup>, ou foria<sup>4</sup>, os afetos e as gradações<sup>5</sup>. O que dizer de uma escrita que subverte o que é esperado para um *objeto-arte* como um livro: personagens sem nome, história sem enredo fechado, sem divisões entre capítulos, ou um clímax discursivo tradicional, o que parece ser a junção de esbocos subjetivos, aos moldes do que faz o pensamento, com maior liberdade e em fluxo contínuo? Poderíamos pensar que tudo isso é desafiador, sem dúvida. Mais que uma marca, um projeto de leitura proposto em *Água Viva*, obra em que o protagonismo é dado à expansão de um momento presente, aquém e além dele próprio, no processo concatenado de construção do momento seguinte que, no livro, é figurativizado pela isotopia do nascimento do sentido. A essa emergência, nega-se a nomenclatura tradicional. O que acaba de nascer é it. Se, no inglês, a palavra tem correspondência com o que poderíamos traduzir como a coisa ou o objeto, em português, essas duas letrinhas, nessa disposição, não remetem a algo que tenha um significado partilhado. O que se pretende com esses esboços iniciais? Acreditamos que Água Viva mostre, em uma prosa com toques de poesia, que um sentido já desgastado precisa morrer para a irrupção de outro, menos fechado, menos triado.

O it clariciano é um circundamento das afirmações, de edifícios epistemológicos estabelecidos, um entreabrir de possibilidades, para que enxerguemos um paradigma diferente, um elogio à dúvida, que nos leva a perceber a existência, sempre possível, de outro(s) caminho(s) de emergência de sentido. Percursos, esses, como quaisquer paradigmas, ligados a escolhas – que podem ter relações com afetos e inteligibilidade em maior ou menor gradação. Esse campo das motivações ainda é aberto a muita investigação e não foi exatamente o nosso foco. Aqui, o que pretendemos é admitir essas outras possibilidades de emergência de sentido, incentivando maior discussão para o fortalecimento da teoria, em sintonia com a direção trilhada pela Semiótica desde fins da década de 1980 e início de 1990, priorizando o sensível e investigando suas relações com o plano da expressão, de certo modo negligenciado, anteriormente, em favor do conteúdo. É, ainda, um exercício teórico de mostrar, em nosso objeto, índices (não teóricos, mas literários, contudo, todos os indícios estavam ali) do que, mais tarde, foi discutido por Greimas, especialmente em Da Imperfeição (2017 [1987]), no que se refere a uma perspectiva teórica de reiteração da coexistência (e do estatuto que precedeu à tensividade, mas já, a nosso ver, continha a semente das ideias que viriam) e por Zilberberg,

em diversos de seus livros e artigos, tratando da tensividade propriamente dita.

Nesse sentido, a semiótica tensiva parece se apresentar como elo perdido entre esses planos e que surgiu para reaproximar, a partir de um núcleo centrado nos afetos, expressão e conteúdo que, para fins metodológicos, acabaram desagregados, mas, como o pai da Linguística moderna concebia desde o início, são partes indissociáveis, um uno, um contínuo. Para não deixar dúvidas, referimo-nos a Saussure (2006 [1916]) e a sua postulação da indissociabilidade do signo - hipótese que, por extensão, é aplicada ao sentido nos enunciados, que passam a ser considerados uma unidade de significação composta por diversas gradações em posições mais ligadas ao sensível e ao inteligível, coexistindo, ainda que haja (e há) dominância de uma dessas instâncias; portanto, não nos limitamos ao nível sígnico (elementos integrantes dos enunciados). A teoria revista por Zilberberg parece permitir uma vigorosa resposta semiótica às críticas de que esta seria um método de análise similar a uma camisa de força. Lança luz às diversas possibilidades que essa área das Ciências Humanas carrega e nos mostra o quanto ainda é possível avançar nos estudos do devir.

Enxergamos um projeto ousado na obra, que subverte verdades imutáveis, com força catastrófica de promoção de uma desmorfização libertadora. O texto

perde sua forma tradicional, o sentido emerge não pelo processo de enriquecimento ou agregação de elementos (do abstrato ao concreto - das sensações ou conceitos ao discurso, passando pelo nível narrativo), mas por meio de subtrações, abstrações, em que a própria estrutura do texto apresenta ausências, que demandam uma intersubjetividade com um enunciatário pressuposto<sup>6</sup> – necessidade de catálise. Em linhas gerais, o enunciador deixa ausências propositais no texto, convocando o enunciatário a preenchê-las primando pelo sensível, sem deixar, contudo, de notar que este é indissociável do inteligível e é, então, uma espécie de valência que atua em uma função inversa (passível de nuances) com aquele para a produção de um valor, precisamente a produção de sentido. Essas ausências propositais na enunciação tornam o texto mais acelerado, como um uníssono, uma grande carta sem pausas, o que, para o enunciatário pressuposto, de outro modo, imprime uma necessidade de desaceleração. Toda aceleração textual exige do interlocutor uma leitura mais apurada, mais lentificada, por vezes carecendo de iteração. A própria Clarice disse em sua última entrevista (TV CULTURA, 1977) que ela ganhava na releitura e se mostrava satisfeita com isso. Semioticamente, podemos inferir que há uma intencionalidade enunciativa (nunca intenção...) de que, para o leitor, o andamento se lentifique, buscando refutar um abreviamento temporal, comum à pós-modernidade e gerador de tanto mal-estar, visto que não permite uma atualização para a conjunção com o sentido, em razão de sua cifra acelerada por um andamento desumano, o que, fatalmente, carrega consigo uma perda de sentido nesse processo veloz, ideia presente no conceito mesmo de *acontecimento*, para Zilberberg (2011 [2006], p. 190), "marcado por um andamento rápido demais para o sujeito" e, com isso, "leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade".

Em Água Viva, "o ator do enunciado faz um ensaio sobre as entrelinhas, sobre o dizer também ao não dizer, buscando o silêncio, numa sofisticação textual muito característica" (MOREIRA, 2019, p. 213): "Que música belíssima ouço no profundo de mim. É feita de traços geométricos se entrecruzando no ar. Música de câmara é sem melodia. É modo de expressar o silêncio. O que te escrevo é de câmara" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 47). Diversos trechos são apresentados por meio de imagens metafóricas, em uma construção isotópica que remete ao embate enunciado/enunciação, dolorosamente vivenciado por quem busca o máximo de efeito sensível:

Então escrever é o ato de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 21-22).

Com o intuito de reiterar o desapego à forma, o gênero literário também não é bem delimitado, uma quebra dos parâmetros formais para priorizar a fluidez, característica que, mesmo marcando outras obras de Lispector – como nota, por exemplo, Gilda de Mello e Souza a respeito do romance *O Lustre*: "[...] ele se situa exatamente naquele limite vago entre a prosa e a poesia" (2015 [1946, 1989], p. 172) –, em *Água Viva* é extremada, na medida em que se une a outros elementos que, como esse, reiteram a ideia de maleabilidade de sentidos e de forma; trata-se de limites e limiares da forma e da substância (a figurativização da placenta, a ausência de enredo tradicional, os temas diversos ligados por uma profusão enunciativa, como se fossem um ensaio quase mimético do pensamento). Aos moldes do que propunha a obra em seu título original, *Atrás* do pensamento: monólogo com a vida, o efeito de sentido é de um monólogo com ingredientes filosóficos, existenciais e psicológicos densos. A impressão que se tem é que o texto foi escrito em um fluxo ininterrupto. 7 A narrativa é apresentada em primeira pessoa. Discursos assim, subjetivos, são exemplos da enunciação-enunciada (BARROS, 2001 [1988], p. 72). Ou, explicando de outra forma, no ato de enunciar, isto é, de dizer, há uma espécie de conversão de estruturas narrativas em discurso, e, nesse processo, o sujeito da enunciação deixa marcas.

Distanciando-se de formatos de romances tradicionais, os personagens não têm nomes: "Eu me ultrapasso, abdicando de meu nome, e então sou o mundo" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 47). Sobre o enredo, pouco se pode dizer antecipadamente, visto que a grande experiência do livro é a experimentação intersubjetiva única que se constrói durante a leitura:

Sabe-se apenas que o sujeito do enunciado é uma pintora que decide trocar o plano da expressão, pintura, pelo das palavras e sofre nesse processo de transferência. Essa nova escritora que tenta se encontrar em seu recente e errante projeto enunciativo – idealizada pela autora que ganhou o mundo com seus textos e, curiosamente, também pintava – não relega a língua a um patamar de inferioridade. Ao contrário, coloca-a em protagonismo [...] ela acredita que a palavra tem força para dizer tudo, até o inexprimível. A semantização em um contexto social dessa mesma língua foi o que a empobreceu. Nesse sentido, o vigor da travessia do oposto<sup>8</sup> em Clarice, por fragmentos, mostra a potencialidade da literatura, que, na avaliação de Barthes<sup>9</sup>, é a força propriamente semiótica, que "consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio seio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas" (MOREIRA, 2019, p. 214).

O audacioso projeto proposto em Água Viva parece ser o de revisitar o âmago tensivo do ser, por meio da abstração, para uma expansão do sentido. A coisa do que se diz, em sua interface com o sujeito, resulta em produção de sentido. Desse encontro, nasce a "entrelinha", que está

além, "atrás do pensamento" (LISPEC-TOR, 1998 [1973], p. 29), mas depende da interface, seja tátil, auditiva, codificada, para vir à tona no discurso. Uma limitação que permite a comunicação. Entendemos a apreensão do simulacro da coisa, ou o sentido mesmo, como o que o sujeito da narrativa em Lispector, na impossibilidade (e também se negando a isso) de dar uma nomenclatura que fielmente o descrevesse, chamou de it:

It é elemento puro. É material do instante do tempo. Não estou coisificando nada: estou tendo o verdadeiro parto do it. Sinto-me tonta como quem vai nascer (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 34).

Há, nesse trecho, uma negação da ontologização e, apesar de em vários outros buscar-se a *coisa*, isso se dá por meio da interface discursiva. A personagem principal usa de metalinguagem para discorrer sobre a emergência do sentido, sobre os momentos de suspensão na discursivização entre uma palavra e outra.

[...] em Água Viva, o que constitui eminentemente um evento é a própria ocorrência da 'próxima frase': a maravilha de sua vinda, iminente (ameaçante) e todavia inesperada (PRADO JR., 1989, p. 22).

O sujeito da enunciação em Lispector prolonga o tempo, fazendo-o o seu tempo subjetivo, no qual o sentido vai sendo costurado. A língua ganha, dessa maneira, novos contornos, a partir de sua negação, feita por meio dela mesma, num processo imanente e inspirador:

Estou esperando a próxima frase. É questão de segundos. Falando em segundos pergunto se você aguenta que o tempo seja hoje e agora e já. Eu aguento porque comi a própria placenta (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 35).

# O tempo expandido do agora

Começamos a discussão já anestesiados pela "nostalgia dirigida ao porvir" (GREIMAS, 2017 [1987], p. 91). Isso porque ler Água Viva é como ser atingido por um golpe oracular em que o sujeito da enunciação deixa sinais em esboços para a construção de uma ampla reflexão sobre a suspensão do tempo, o alargamento da fratura antes da ação (a próxima frase):

Por que é que as coisas um instante antes de acontecerem parecem já ter acontecido? É uma questão de simultaneidade de tempo (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 39).

Como quem – sem pensar nisso – antecipa as ideias mais recentes da teoria semiótica, que dialoga com a primazia dos afetos, Clarice se preocupa com o devir. Nela, a articulação entre o contínuo e o descontínuo é preeminente na emergência do sentido. O "coeficiente tensivo" (TATIT, 2010, p. 24), ou "estilo tensivo" (ZILBERBERG, 2011 [2006], p. 20) da sua personagem é o da "nostalgia dirigida ao porvir" de que falamos, ou da "espera do inesperado" (GREIMAS, 2017 [1987], p. 91), ou, ainda, "soência do

sobrevir" (ROSA, 1985) – expressão "cujo elo sintático interno desfaz a contradição entre costume e acontecimento, como se este pudesse ser preservado por aquele" (TATIT, 2010, p. 99).

Querer dizer o indizível, pintar o invisível: provas de que a coisa, única, adveio, que outra coisa seja talvez possível. Nostalgias e esperas alimentam o imaginário cujas formas, murchas ou desabrochadas, substituem a vida: a imperfeição, desviante, cumpre assim, em parte, seu papel [...] como um trampolim que nos projeta da insignificância em direção ao sentido (GREIMAS, 2017 [1987], p. 99).

O objeto de valor para o sujeito da enunciação em Água Viva é o que está além do sentido em circulação socialmente. É a expansão, a extensão do tempo e do espaço, a entrelinha, o inaudito, em busca do qual esse actante-sujeito irá se colocar: quer reencontrar o momento de junção entre expressão e conteúdo, um momento mais primitivo, anterior aos valores sociais, suspendendo seus efeitos na narrativa. O antissujeito, naturalmente, é a mediação entre a coisa clariciana e a sua significação, ou o it. Contudo, esse antissujeito, sobre o qual também discorremos, não é a língua, mas a sua cristalização. Na obra, o projeto é o de pescar a entrelinha, o sentido, por meio da língua e, ao mesmo tempo, circundando-a "distraidamente", como diz o sujeito na enunciação, já que "a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a", ou seja, a inteligibilidade do processo de

procura do it transforma esse percurso em colapso – reduz a "não palavra" (o que está até mesmo além do sentido) àquilo que se encontra aquém dele; relega o it à categorização de palavra-nomenclatura, com toda a clausura semântica que ela carrega.

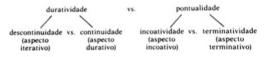
O sujeito da enunciação na obra, portanto, busca, quase intencionalmente, a não intencionalidade da língua, quer a fluidez. O referido sujeito está paralisado na paixão da ansiedade, da espera – esse misto de paciência e impaciência: "[...] prendi para mim o instante antes que ele morresse e que perpetuamente morre" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 24).

O embate entre o desejo de aproveitamento máximo sensível do presente e a consciência de sua impossibilidade faz do momento, do instante clariciano, algo precioso e árduo:

Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará em um imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago, acendo e apago, acendo e apago, so da quilo que capto em mim tem, quando está sendo transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero seu fluxo (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 16).

Ao gastar mais tempo do que um relance, perde-se a beleza da distração, do acontecimento. É no movimento ascendente em direção ao assomo que Clarice busca o que chamamos aqui de descontinuidade durativa e não há nada de subversivo nisso, visto que a articulação entre descontinuidade e continuidade contrai a função duratividade<sup>10</sup>, conforme notamos no esquema apresentado na Figura 1, de Diana Luz Pessoa de Barros:

Figura 1 - Esquema durativo x pontual



Fonte: Barros (2001 [1988], p. 91).

O efeito que se nota é o de expansão temporal e semântica:

Gosto de nunca. Também gosto de sempre. Que há entre nunca e sempre que os liga tão indiretamente e intimamente? [...] o instante é de um escuro total (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 36).

Em Água Viva, o sujeito da enunciação tem o parto do it e, ao mesmo tempo, é a sua própria morte decisiva para que haja o renascimento. Em sua grade enunciativa, esse sujeito do texto de Clarice mostra-se responsável pela articulação entre esses polos tidos como opostos, como vimos, não sem grande polêmica. Zilberberg (2004, p. 81) argumenta que "a oposição só se sustenta em virtude da síncope dos sob-contrários, cuja existência, aliás, ela nega; ao fazê-lo, ela está negando seu próprio

fundamento", e lembra que é cômodo reduzir essas grandes questões a uma alternativa categórica, o que não foi feito pela semiótica greimasiana, que, em outro estudo, 11

[...] lida menos com pares contrastados do que com as combinações e dominâncias que eles tornam possíveis. O que observa Greimas nesse caso é que os termos opostos são inicialmente dados juntos, que são passíveis de acentuação e que a acentuação de um dos termos tende a acarretar a desacentuação de seu companheiro — em nome de um impensável e impensado princípio de constância (ZILBERBERG, 2004, p. 81).

A iteração morte/vida que nasce da consciência de que há fracassos contra os quais é inútil lutar (estética do fracasso), podendo-se apenas circundá-los, faz da narradora um destinador transcendente e autodestinado. A personagem diz: "Terei de morrer de novo para de novo nascer? Aceito" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 45). É a consciência do fracasso que instaura a "sabedoria da fatalidade" (1998 [1973], p. 41) em *Água* Viva. Contudo, não há o que lamentar. Ao contrário. Parte-se dessa consciência do problema para a negação do conhecimento cristalizado como uma arma potente de expansão de sentidos. É de tal maneira que o livro nega a língua por meio da potencialidade da própria língua. A narradora instaura uma outra língua, se lembrarmos Barthes (1989) em sua *Aula* sobre o projeto de poder que subjaz a quaisquer linguagens. É

a morte da mediação compartilhada de forma universalizante.

Em Clarice, há uma dessemantização, para que se atinja o ápice. Morte e vida são onde ela pretende chegar. Poderíamos dizer, em uma análise em nível narrativo, que o sujeito está em falta e busca na morte e na vida seu objeto-valor, um mesmo "aleluia" eufórico. A língua precisa morrer e renascer a todo instante para a emergência do sentido e não há moralização nisso. Apenas "é". Dessa maneira, a personagem busca a morte da palavra para que ela possa renascer, isto é, para que brote dela uma ressemantização. A escritora sem nome em *Água Viva* busca, ao modo da observação de Hénault (2006 [1992], p. 149), "circunscrever, ao lado das aspectualizações do nível discursivo (as diversas maneiras de fazer existir o espaço, o tempo e a atitude dos atores) as aspectualidades profundas", o que se deu pela constatação de que os aspectos não eram facilmente apreensíveis em termos exclusivamente binários, categóricos, mas derivavam de apreciações graduais, num esforço intelectual de "dessemantização", "escapando da descontinuação em unidades discretas, como sendo sempre uns em relação aos outros, da ordem do mais e do menos".

Da articulação entre a morte e a vida; o futuro e o passado no alargamento do instante do agora, a enunciação no livro se *deslimita*, liberta-se das amarras do socialmente partilhado, torna-se um

limiar (ZILBERBERG, 2011 [2006]) aberto a novas interpretações, produzindo um efeito de eternidade. Ele sempre estará aberto a novas interpretações a cada leitura, a cada enunciatário. Um processo expandido que: "É vasto. Vai durar" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 95).

Da resolução ao assomo, numa trajetória ascendente (ZILBERBERG, 2011 [2006], p. 20), Água Viva parte do inteligível, ao questionar a necessidade da figura para a compreensão, e busca (em um projeto por meio de um grau de abstracionismo linguístico que priorize o sensível, os afetos) o sentido, ou a conjunção com seu objeto de valor: essa língua limpa de significações preestabelecidas: "O que te escrevo continua e estou enfeiticada" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 95). Nada melhor para representar essa duratividade (efeito de eternidade e de possibilidades de sentido no livro) do que a sua figura, que é a antefigura (uma placenta, uma água-viva), assim como sua palavra é a *não palavra* pescando o it, o incompleto levando à completude de sentido, ou ao atingimento deste, por aproximação, por circundamentos:

Eternidade: pois tudo que é nunca começou. Minha pequena cabeça tão limitada estala ao pensar em alguma coisa que não começa e não termina — porque assim é o eterno. Felizmente esse sentimento dura pouco porque eu não aguento que demora e se permanecesse levaria ao desvario. Mas a cabeça também estala ao imaginar o contrário: alguma coisa que tivesse começado - pois onde

começaria? E que terminasse – mas o que viria depois de terminar? Como vês é-me impossível aprofundar e apossar-me da vida, ela é *aérea*, é o meu leve hálito. Mas bem sei o que quero aqui: quero o *inconcluso* (LIS-PECTOR, 1998 [1973], p. 26, grifos nossos).

# O instante-já seguro nas mãos

Bertrand (2004, p. 1) entra nessa árida discussão a respeito do tempo presente – o equivalente ao instante-já clariciano. Para ele, o agora (maintenant) é palavra "pendurada em um abismo", sendo este abismo não apenas ontológico, da temporalidade como tal, mas também especulativo das teorias do tempo. Analisando o léxico francês, Bertrand conclui que, em termos metafóricos (essa maneira de aproximação a que se tem acesso de forma indireta, por meio de uma figura, de acordo com ele), o agora é aquilo que se tem ou se segura na mão (fr. *main-tenant*). É o que o sujeito em Lispector (1998 [1973], p. 12) deseja, por não poder "fabricar como na pintura, quando fabrico artesanalmente uma cor", e, assim, tenta "escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra". Esse objetivo também pode ser observado no trecho a seguir, que se funde de uma forma impregnante ao sentido metafórico do agora sobre o qual Bertrand escreveu:

Estou tentando capturar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio já não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais [...] quero capturar o presente [...] quero como poder pegar com a mão a palavra [...] quero sentir nas mãos o nervo fremente e vivaz do já e que me reaja esse nervo como buliçosa veia (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 9).

Bertrand observa que o lexema maintenant (agora) contém o maintien (manutenção), o que opera uma abertura axiológica e também traz um elo importante com o nosso objeto de análise: o já, a manutenção, o eterno, a expansão em Água Viva. O autor cita a análise de Greimas e Keane sobre a fábula A cigarra e a formiga, de La Fontaine, em sua última estrofe, a qual envolve a discussão desse agora, o presente: "Por sinal, curiosa palavra, se pensarmos nela, a palavra agora [maintenant], em que o presente, nulo e eterno, se acha figurativizado por algo que a mão do homem capta, retém por um breve instante"12 (GREIMAS; KEANE, 1990, p. 61, tradução nossa). Entre as razões para se chegar a uma discussão sobre esse algo, Bertrand aponta uma lacuna, sentida intuitivamente, entre a cena figurativa - sua micronarrativa subentendida, o problema de seu objeto-valor - e o significado da realidade temporal. Essa lacuna convida a olhar para o que está acontecendo na rede subjacente de significados implícitos, o que está se desdobrando entre a ilusão do presente e a profusão de presenças, segundo o

autor. Bertrand reflete sobre questões seculares, como as que Ricoeur (1985, p. 52) revisitou, que discutem o conceito do tempo: sob uma perspectiva, objetivo; sob outra, fundamentado numa fenomenologia da experiência íntima, vivida efetivamente. Esta última, à maneira como concebemos o tempo em nossa análise do livro e à qual retornaremos em seguida. Ricoeur (1990, p. 35), em outra obra, escreveu que o agora, por um lado, significa qualquer interrupção na continuidade do tempo cosmológico e pode ser representado como um ponto sem extensão. Por outro lado, o presente vivido encontra-se entre (e engloba) o passado recente e o futuro iminente. O autor reitera que não há conexão lógica necessária entre essas duas interpretações (apud BERTRAND, 2004, p. 3, tradução nossa). Em resposta, de uma forma criativa, contudo, sem resolver a famosa aporia: o que é o tempo? Se não me perguntam, eu sei. Mas se me perguntam e tento explicar, as palavras me escapam<sup>13</sup> (apud BERTRAND, 2004, p. 1, tradução nossa) presente nas *Confissões*, de Santo Agostinho, Ricoeur acredita que a ligação entre o presente vivido e o instante pontual do agora se faz pelo discurso, que se transforma no guardião do tempo, e este, por sua vez, coloca-se face a face com aquele, com a narrativa.

Faz-se necessário distinguir, rapidamente e em linhas gerais, as duas direções de interpretação do *tempo*,

concepções que foram retomadas por Ricoeur nos textos citados por Bertrand em sua análise do agora. Enquanto em Aristóteles é uma espécie de momento da física que marca a ruptura e a conexão temporal ou, na expressão aristotélica, "algo do movimento"14 (apud BER-TRAND, 2004, p. 5, tradução nossa), em Santo Agostinho há um pensamento psicológico e subjetivo. Para este pensador, a compreensão do tempo existe apenas no presente, que se divide em presente do passado (memória), presente do presente (atenção) e presente do futuro (espera). Ou o que Ricoeur (apud BERTRAND, 2004, p. 5, tradução nossa) chama de "concordância discordante" e "discordância concordante", isto é, o tempo concorda ou discorda com o presente apenas por meio de uma estratégia linguística. É pela língua que acessamos um passado ou um futuro que não nos é concomitante. O próprio momento presente se constrói por uma abstração partitiva do que há da noção de anterioridade e de posterioridade temporais. Dessa maneira, o tempo só seria mensurável na memória e na expectativa a partir do presente. Os sinais antecipatórios do futuro estariam inscritos no momento atual e as lembranças, como que imagens gravadas em nosso espírito, não seriam percebidas senão também no presente. De acordo com Bertrand, o presente agostiniano é ato de presença, significa qualquer momento (presente, passado ou futuro) relatado pelo falante ao *agora* de sua enunciação, que é, portanto, o fundador do tempo. Em *Água Viva*, "[...] 'para sempre'. Ou 'para nunca', é o mesmo [...]. Há o futuro. Que é hoje mesmo" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 12, 38).

Bertrand recorre a Husserl, que contribui de forma vigorosa sobre o que se passa durante o evento enunciativo do agora. Trata-se do que o alemão chama de "consciência íntima do tempo". A abordagem procede pela redução do que é conhecido, partilhado, e remonta ao sentido, antes mesmo do significado percebido – esse campo do antepredicativo que, segundo Bertrand, só é apreensível verbalmente por meio de conceitos decantados da impregnação metafórica do uso. O agora, para Husserl, então, segundo Bertrand, não é algo pontual, nem depende de uma intencionalidade que determina a consciência do objeto no que se refere à percepção. Trata-se, de fato, do local de encontro entre retenções e protensões, uma apreensão da duratividade em si, chamada de "intencionalidade longitudinal" por Husserl (apud BERTRAND, 2004, p. 6). Ele se interessa pela persistência dos instantes que acabaram de passar para o campo da consciência do momento atual e que são mantidos, também, pela expectativa da iminência. Retenção e protensão distinguiriam, então, passado e futuro. Ainda de acordo com Bertrand, o alemão fala em um misto de não presença e presença do presente na experiência infinitesimal do tempo vivido. Por isso, o semioticista acredita ser possível conceber uma narratividade aspectual, em que retenções e protensões formam estruturas-base para os programas que nela ocorrem. Bertrand, contudo, observa que são as características da retenção as que esclarecem melhor a natureza singular e complexa do alargamento do agora, sua elasticidade. Isso porque há três traços aspectuais contidos na retenção: ela é iterativa; ao mesmo tempo, incoativa e terminativa; e assegura a captura da duração pontual do presente.

Segundo Bertrand, a retenção é iterativa porque toda retenção é uma retenção da retenção, que modifica e é modificada pela anterior, gerando, nessa interface, uma série de gradações que define o alargamento temporal. Contém características de início e término porque cada agora pode ser compreendido como o ponto de partida de uma continuidade retensiva (ou retenção continuada), mesmo quando esse "instante-já" irrompe na continuidade do desenvolvimento de um evento. Por fim, garante a apreensão exata no momento pontual porque mantém unida a sequência de momentos e o presente, ao qual se agarra, tornando possível o reconhecimento desse presente: a memória do passado recente adere ao presente, atualizando-o e fazendo com que a consciência da pontualidade se expanda, o que pode ser eufórico ou disfórico para o sujeito, a depender da narrativa. Em Lispector, acreditamos ser disfórico, pelo sofrimento da quase iminência da próxima frase. Contudo, numa travessia do oposto até o seu encantamento, eufórico, o *it*, a escrita distraída pescando a não palavra. É nesse ponto que "O tique-taque é it" (LISPECTOR, 1998 [1973], p. 45), em que reside

[...] a fixação que ela tomou do momento, do instante de intuição, do debate entre linguagem e auto compreensão de sua escrita (NUNES, 1988, p. XXXVII).

Há, ainda, além dessa retenção do passado recente (memória primária), o que Bertrand chama de memória do presente do passado (lembrança, memória secundária), configurando a existência de modos relativos de presença. Enquanto essa memória primária é caracterizada pela apresentação, pela gradação contínua que une o passado ao presente, a secundária seria a reapresentação, definindo a diferença descontínua. A lembrança é construída, a partir de então, como uma zona autônoma, dotada de suas próprias retenções e protensões. Enquanto a retenção original está totalmente engajada no agora e situada no mesmo nível dele, a lembrança vem de uma fissura que abre sua representação ao livre jogo de seleção e reflexão, adaptação e desenvolvimento. O problema, então, é o da fronteira entre fenômenos de memória, não tanto do ponto de vista de sua distinção fenomenológica quanto

de seus modos relativos de presença, de sua copresença potencialmente conflituosa no "agora", de acordo com Bertrand.

No que tange às protensões, Bertrand menciona o conceito de Heidegger ("aproximação comum"). Dessa forma, o semioticista buscou em Husserl as características da retenção e em Heidegger, as da protensão, para discutir a cena temporal. O tempo seria, nessa perspectiva, "estar à frente de si". Trata-se da questão da modalidade: partindo da base "modo de ser" (ou de vida), lançado ao mundo, o sujeito se projeta em busca de completude ("ser integral"), segundo a modalidade do poder ser. É o que Bertrand chama de preocupação concebida como um avanço sobre si mesmo, pelo mecanismo da resolução antecipante, o que nos parece uma célula da gestação da "espera do inesperado", de Greimas (Da Imperfeição). Bertrand diz que a temporalização, sob esse ponto de vista, repousa sobre o devir, que leva em conta o passado ("ter-sido") que já está contido no advir. O presente resulta, assim, da combinação entre o porvir e o ter sido. E disto, temos que a temporalidade é a unidade articulada do devir, do ter sido e do *presente* (futuro, passado, presente fundidos em *uno*), o que torna sensíveis as possibilidades de alongamento do tempo do agora. Segundo Bertrand, quando dizemos que "o tempo foge" ou que "estamos perdendo tempo", não é o tempo em si que está em jogo, mas a nossa ânsia, ou, na sua versão enfraquecida, a nossa preocupação com o devir. Esse agora absoluto (expandido) seria uma concepção diferente do agora pontual. Contudo, de qualquer maneira, o agora como projeção incoativa em direção ao futuro e que se liga ao efeito de limiar do passado nos leva, na avaliação de Bertrand, a poder interpretar o agora como parada (pontual) e como parada da parada (absoluto).

Bertrand conclui que a questão do agora está relacionada a uma apreensão semiótica. Ele retoma as ideias de Jean--François Bordron, para defender que o que mais atrai a atenção nessa discussão é a iconicidade, entendida não no sentido de figurativização greimasiana, do ilusório produzindo impressões referenciais. mas mais radicalmente como o núcleo do que ocorre na percepção, o que justificaria, segundo o autor, que realidade e percepção sejam consideradas, ambas, como uma linguagem. Um ponto central, na visão de Bertrand, é o que se chama "estatuto semiótico do mundo natural", ao condicionar a integração dos efeitos significantes das línguas e discursos aos dos diferentes modos perceptivos. Essa reflexão também levou o semioticista a discutir a ideia husserliana de experiência noética (em que a consciência e o mundo liberam um sentido múltiplo e estratificado), analisando a noema perceptiva como o plano de expressão do objeto, constituído precisamente por

ícones desse objeto e instituído como tal pelo movimento de esboços, apreensões icônicas parciais do objeto mencionado. Bertrand alega que o objeto-tempo é também apreensível como uma junção de componentes icônicos. Ele cita Bordron, que afirmou não poder haver "presente da enunciação, na acepção de um agora que coexista a um ato de fala, a não ser na medida em que o próprio tempo seja concebido como um ícone"15 (apud BERTRAND, 2004, p. 13, tradução nossa). E, para esclarecer mais objetivamente o que pretende, também faz referência à reinterpretação que propõe Bordron da tríade sígnica de Peirce, redefinindo o estatuto do ícone como a mediação entre o índice, o momento primeiro e ainda não qualificado como algo totalmente percebido, e o símbolo, em que a elaboração icônica é submetida a regras que permitem o reconhecimento da unidade fenomenal do objeto. O ícone seria, então, esse momento complexo, com indícios do que o precede e do que lhe sucede, situando-se, assim, no centro da formação do sentido. Para Bordron (apud BERTRAND, 2004, p. 13, tradução nossa),

[...] o presente não é nem o tempo experimentado, percebido (indicial), nem o tempo submetido a regras de localização ou de medida (simbólico), mas o tempo que ganha forma em uma imagem (ícone)<sup>16</sup>.

Bertrand nota nessa análise uma reconstituição da ligação entre o dito

mundo natural e as línguas, que teriam um estatuto semiótico comum. A síntese do agora, para ele, seria de natureza icônica e integraria, em simultaneidade, momentos formais indiciais, simbólicos e icônicos. Retenções e protensões, portanto, de acordo com Bertrand, são da ordem do índice, o que explicaria sua maleabilidade, potencial de gradação (e degradação) e modularidade variável. Já a medida do tempo, o que o localiza temporalmente, sua historicidade e factualidade seriam da ordem do símbolo. Índice e símbolo se cruzam, na visão do teórico, na presentificação do agora como um ícone (termo de mediação) na própria imagem do presente. O estatuto semiótico que dá conta da determinação dos objetos pelas três categorias (índice, ícone, símbolo) no agora permite a análise, diz o semioticista, a partir dos modos de existência – atuam em ocorrência simultânea, competindo quanto ao controle sobre o campo dos diferentes agora possíveis. O agora seria, então, objeto de uma narrativização contínua, polêmico-contratual, de modos de existência e sua suposição enunciativa. Assim, segundo o francês, a retenção (índice), normalmente chamada de virtualização, pode insistir e se atualizar no agora (do arrependimento ou da nostalgia), e, da mesma forma, a protensão (definida como puramente indicial) pode ser realizada, ou realizar-se em ícone, pela atualização de uma imanência, ou pela febre da ambição (a "soência do sobrevir"). Em ambos os casos, o ícone do presente virtualiza-se, trazendo consigo o aparato simbólico da medida (temporal – do dia, hora, deveres e preocupações que lhe dizem respeito). As diferentes figuras do tempo e do agora relacionadas à sua iconicidade fundamental, conclui Bertrand, podem ser apreendidas no campo tensivo dos modos de existência e do pressuposto enunciativo do instante.

Ao analisar La Jalousie, de Robbe--Grillet, Bertrand (2004, p. 8) nota que o sujeito opera "retalhos sem continuação", convocando o sensível, ao cantar "com palavras incompreensíveis, ou mesmo sem palavras". Dessa maneira, o observador é situado a montante do reconhecimento perceptivo do objeto, no sentimento temporal, por meio do objeto. Esse fracasso da identificação do significado percebido é decisivo para a análise, conforme destaca o autor. O sujeito da enunciação em Lispector opera algo similar, ao subverter o sentido esperado para um livro que seja mais que "um só clímax". Bertrand diz que a negatividade do objeto percebido leva o ouvinte a voltar a recorrer ao sentir, ou às sensações temporais; ao encontro das presenças e ausências retensivas e protensivas que narrativizam sua audição. O colapso da escuta primária e da memória promove uma ruptura com características aspectuais, ou gradações que envolviam essa escuta. Aos moldes da figurativização por meio da escrita por esboços, o que antes era plano de fundo, ganha protagonismo na emergência do sentido, por meio das sensações íntimas. O instante ocupa esse espaço do é, do ser, do agora, do urgente e do presente, por meio do inconcluso. São instantes-já que o sujeito da enunciação clariciano conta um a um e que são "grossos como sangue".

# Conclusão

Acreditamos que o estudo de Lispector pode trazer grande contribuição para a pesquisa semiótica que trata dos afetos, da foria e do tempo a partir do foco dado à relevância do sensível no processo de emergência de sentido nos textos. Como que antecipando uma teoria que incluiria em suas bases mesmas o afeto, Clarice usa de uma prosa com aura poética em Água Viva para alargar o tempo, dando-lhe, como a tudo de que trata, um outro sentido. É o momento do agora que se expande, que se eterniza. Toca, de maneira intuitiva e profética, pontos até recentemente considerados cegos no que faz desse campo do conhecimento um edifício epistemológico vigoroso.

Clarice é fonte inesgotável de conhecimentos e possibilidades de se pensar a linguagem como algo que vai muito além de seu sentido cristalizado. Mesmo sendo um dos expoentes mais estudados da nossa literatura, Lispector ainda é um mistério. Sorte para nós, pesquisadores,

que podemos ter em suas narrativas uma vibrante e sempre renovada nascente de conhecimento, inclusive aquele que embasa o científico, como o fazemos neste artigo, à luz de teorias da linguagem.

Não há como ser indiferente à escritora. Em seu centenário de nascimento, permanece a jovem que consegue laçar o que há de mais fugidio no ínterim entre uma palavra e outra no processo da enunciação. Assim como sua obra, Clarice permanece. Ela apenas e eternamente  $\acute{E}$ .

Placenta, the present verb tense: what is Lispector's it and her instant-now

#### **Abstract**

The article discusses the linguistic time in Água Viva, by Clarice Lispector, according to the European semiotics perpspective. Lispector's time can be as long as a thought lasts, as the author herself wrote. The narrative is interested in everything that is, as a present verb, by all she describes or names as "it", which is not the ontological thing. It is, somehow, the God, the mystery. The relations are what matter the most according to Clarice's writing. She intended to find a general, poetic and abstract project that guarantees to the language the possibility of semantic surpassing its own limits, showing the strength of the syntagmatic constructions in the course of signification.

Keywords: Affections. Água Viva. Greimas. Lispector. Zilberberg.

# Notas

- O presente artigo foi desenvolvido concomitantemente à investigação, com o apoio do CNPq, no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, a respeito dos *deslimites* de sentidos na obra *Água Viva*, de Clarice Lispector. O presente trabalho advém do esforço conjunto do discente Fernando Moreira e de seu orientador, professor Dr. Ivã Carlos Lopes. Ambos os autores têm efetiva participação neste texto. A discussão mais abrangente, com outras problematizações e discussões sob o ponto de vista tensivo da Semiótica em *Água Viva*, está disponível no banco de dissertações e teses da USP (Fernando de Freitas Moreira mestrado em Semiótica e Linguística Geral).
- <sup>2</sup> Configuração aspectual se caracteriza pela "inscrição, no enunciado-discurso, de uma sucessão de semas aspectuais tais como incoatividade, duratividade, terminatividade" (GREIMAS; COURTÉS, 1983 [1979], p. 233).
- 3 "Aforia é o termo neutro\* da categoria\* tímica que se articula em *euforia / disforia*" (GREI-MAS; COURTÉS, 1983 [1979], p. 16).
- <sup>4</sup> Ou "força que leva adiante" (TATIT, 2012, p. 199).
- "Tensividade é a relação que o sema durativo\* de um processo\* contrai com o sema terminativo\*: isso produz o efeito de sentido 'tensão'. 'progressão' (por exemplo: o advérbio 'quase' ou a expressão aspectual 'a ponto de'). Essa relação aspectual sobredetermina a configuração aspectual e a dinamiza de algum modo. Paradigmaticamente, tensividade opõe-se a distensividade" (GREIMAS; COURTÉS, 1983 [1979], p. 457-458). A tensividade é o eixo semântico em que se articulam intensidade e extensidade – sendo intensidade a força da ordem do sensível e a extensidade posições de quantidade, da ordem do inteligível. Ambas são eixos graduais. No espaço compreendido entre elas se realiza a correlação, já que há sempre uma carga maior de uma ou de outra, podendo haver uma correlação direta ou inversa entre essas grandezas (MENDES, 2011, p. 192).
- O uso da expressão enunciatário pressuposto poderia soar como um pleonasmo para a Semiótica, mas optamos por manter dessa maneira, como estratégia de reiteração de sentido. Cabe explicar àqueles menos familiares à Semiótica de matriz francesa que a ideia mais geral é a de um "destinatário implícito da enunciação".

Contudo, ainda segundo os autores, é importante salientar que o enunciado só pode ser construído a partir de uma concomitância das posições (enunciador e enunciatário). Um texto é sempre direcionado a alguém e escrito para um público-alvo. Um manual técnico de mecânica não foi feito pensando no leitor que não conheça ou se interesse por essa área. É dessa maneira que o enunciatário *constrói* o discurso juntamente com o enunciador: "o enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a 'leitura' um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito. O termo 'sujeito da enunciação', empregado frequentemente como sinônimo de enunciador, cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciatário" (GREIMAS; COURTÉS, 1983 [1979], p. 150).

È importante reiterar que tratamos de uma abordagem semiótica. Dessa maneira, o parecer é o que se mostra e o que interessa no discurso (e, consequentemente, em nossa análise). Nosso objeto é visto a partir do efeito de sentido narrativo que produz, conforme os princípios teóricos de análise sincrônica (cf. Greimas, especialmente). Justamente para demonstrar a potência de significação de uma obra e o pouco controle de seu autor sobre ela depois que passa a ser interpretada por um interlocutor, a Semiótica opta por desvincular o autor biográfico (no caso, Lispector) daquele que conduz o discurso (e que se torna o foco central da análise: o enunciador – ou o autor que não é o de carne e osso, como dizem alguns). Tal abordagem também opta por desconsiderar fatores externos à enunciação em si, a não ser que haja uma intertextualidade que justifique e, dessa forma, mantenha o princípio de imanência da análise. De toda maneira, documentamos ter ciência de que o livro foi escrito ao longo de anos, tendo sua primeira versão ficado pronta em 1971. À época, seu título provisório era Atrás do pensamento: monólogo com a vida. Com 151 páginas, o texto original era bem maior que a resumida versão final, Água Viva, publicada em 1973, com pouco mais de 90 páginas. Antes da derradeira, contudo, ainda houve uma edição intermediária ainda maior, com 185 páginas, intitulada Objeto Gritante, que, assim como a primeira, não foi a opção para publicação. Moser (2011, p. 540-541) aponta, em sua biografia da escritora, que Lispector havia desistido de publicar esse livro por achá-lo caótico. Olga Borelli a teria convencido e a auxiliado com revisões e com a estruturação dos fragmentos do manuscrito. Trechos altamente pessoais e autobiográficos também foram suprimidos. Fazemos tal adendo para certificarmos ao nosso leitor que, neste estudo, não há uma perspectiva crítica genética, optando-se por outra metodologia: o paradigma analítico semiótico discursivo.

- <sup>8</sup> Cf. (SÁ, 1993).
- <sup>9</sup> Cf. (BARTHES, 1989 [1978], p. 27).
- Segundo Greimas e Courtés (1983 [1979], p. 154), "a duratividade é um sema aspectual que indica, no eixo sintagmático, que o intervalo temporal, situado entre o termo incoativo e o termo terminativo, é inteiramente preenchido por um processo. Paradigmaticamente, esse sema faz parte da categoria aspectual duratividade/puntalidade. O mesmo intervalo temporal pode ser preenchido por grandezas, idênticas ou comparáveis, situadas no mesmo nível de derivação: dir-se-á, então, que se trata da duratividade descontínua (ou iteratividade), opondo-a, desse modo, à duratividade contínua, que caracteriza apenas um processo".
- O texto a que o autor faz referência é o seguinte: GREIMAS, A. J. Analyse du contenu: comment définir les indéfinis? La mode en 1830, Paris, P.U.F., p. 383-400, 2000. Esse trabalho, cujo original data de 1963, foi incluído como um dos anexos do livro de Greimas, postumamente organizado por T. Broden e F. Rayaux-Kirkpatrick.
- Texto original: « Curieux mot (...) où le présent, nul et éternel, se trouve figurativisé par quelque chose que tient, qu'attrape pour un bref instant, la main de l'homme ».
- Texto original: « Qu'est-ce que le temps ? Si personne ne me le demande, je le sais ; mais si on me le demande et que je veuille l'expliquer, je ne le sais plus ».
- 14 Texto original: « [...] est quelque chose du mouvement ».
- Texto original: « Il ne peut y avoir de présent d'énonciation, au sens d'un maintenant co-extensif à un acte de parole, que dans la seule mesure où le temps lui-même est conçu comme un icône ».
- Texto original: « Le présent n'est ni le temps simplement éprouvé (indiciel), ni le temps soumis à des règles de repérage ou de mesure (symbolique), mais le temps mis en forme dans une image (icône) ».

# Referências

BARROS, D. L. P. *Teoria do Discurso*: fundamentos semióticos. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2001 [1988].

BARTHES, R. Aula. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BERTRAND, D. Caminhos da Semiótica Literária. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: Edusc, 2003.

BERTRAND, D. Maintenant. Sémiotique et temporalité. A propos de La jalousie, d'A. Robbe-Grillet. E/C – Rivista dell'Associazione Italiana Studi Semiotici, 2004. Disponível em: http://www.ec-aiss.it. Acesso em: 05 jul. 2019.

GREIMAS, A. J. *Da Imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017 [1987].

GREIMAS, A. J. *La mode en 1830*. Préface de M. Arrivé. Textes établis par T. F. Broden et F. Ravaux-Kirkpatrick. Paris: PUF, 2000.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1983 [1979].

GREIMAS, A. J.; KEANE, T. Pour ferrer la cigale. *In*: FRÖHLICHER, P.; GÜNTERT, G.; THÜRLEMANN, F. (éds.). *Espaces du texte / Spazi textuali / Texträume*: recueil d'hommages pour Jacques Geninasca. Neuchâtel: La Baconnière, 1990.

HÉNAULT, A. *História Concisa da Semiótica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1992].

LISPECTOR, C. Água Viva. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 [1973].

MENDES, C. M. Da Linguística Estrutural à Semiótica Discursiva: um percurso teórico-epistemológico. *Raído*, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 173-193, jan./jun. 2011. Disponível em: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/975/810. Acesso em: 01 jun. 2019.

MOREIRA, F. A placenta clariciana: o it vivo e seu instante-já-aleluia. *Estudos Semióticos* [on-line], São Paulo, v. 15, n. 1, p. 212-235, ago. 2019. Dossiê temático "Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos". Editores convidados: Oriana N. Fulaneti e Alexandre Marcelo Bueno. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.156151. Acesso em: 05 nov. 2019.

MOSER, B. *Clarice, uma biografia*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, B. Dossiê da obra. *In*: NUNES, B. (org). *A Paixão Segundo GH*. Florianópolis: Ed. Crítica/Editora da UFSC, 1988.

PRADO JR., P. W. O impronunciável: notas sobre um fracasso sublime. *Remate de males*, Campinas, n. 9, 1989. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636558/4277. Acesso em: 20 jul. 2019.

RICOEUR, P. Temps et récit. Tome III : Le temps raconté. Paris : Seuil, 1985.

RICOEUR, P. Temps et récit. Études phénoménologiques, n. 11, 1990.

ROSA, G. *Primeiras estórias*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 [1962].

SÁ, O. *Clarice Lispector:* a travessia do oposto. São Paulo: Annablume, 1993.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. Trad. de A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SOUZA, G. de M. e. O Lustre. *Remate De Males* [on-line], v. 9, p. 171-175, 2015 [1946, 1989]. Disponível em: https://doi.org/10.20396/remate. v9i0.8636574. Acesso em: 17 mar. 2020.

TATIT, L. Semiótica à Luz de Guimarães Rosa. São Paulo. Ateliê Editorial, 2010.

TATIT, L. A abordagem do texto. *In*: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística I*: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2012. p. 187-209.

TV CULTURA. Panorama com Clarice Lispector. TV Cultura. *Youtube* [on-line]. São Paulo, 1977. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1l2EVnU. Acesso em: 22 dez. 2019.

ZILBERBERG, C. As condições semióticas da mestiçagem. Trad. Luiz Tatit e Ivã Carlos Lopes. *In*: CAÑIZAL, E. P.; CAETANO, K. E. (org.). *O Olhar à Deriva*: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-101.

ZILBERBERG, C. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011 [2006].